

Ação construída na língua brasileira de sinais

Valdemar Barbosa Lima Júnior¹

Resumo:

Esta pesquisa discute o fenômeno ação construída (AC) na língua brasileira de sinais (Libras), cujos objetivos são: descrever o fenômeno, apontando marcadores não manuais utilizados, bem como analisar suas funções de uso. Trata-se de um estudo qualitativo, descritivo, ilustrado com trechos de sinalizações de surdos de referência do *corpus* de Libras da Universidade Federal de Santa Catarina. Considera-se que a ação construída envolve o uso do olhar e da expressão facial como articuladores primários. Além disso, é uma tarefa cognitiva complexa, em que se utiliza uma quantidade variável de articuladores do corpo. Por meio dela, podemos expressar referentes, suas ações e modos, além de tempo, espaço e até mesmo aspecto verbal.

Palavras-chave: Ação construída; Língua de sinais; Perspectiva

Constructed action in brazilian sign language

Abstract:

This research discusses the phenomenon of constructed action (CA) in Brazilian Sign Language (Libras), with the following objectives: to describe the phenomenon, identifying the non-manual markers used and analyze their usage functions. It is a qualitative and descriptive study, illustrated with excerpts from signings by reference Deaf individuals from the Libras corpus of the Federal University of Santa Catarina. Constructed action is considered to involve the use of eye gaze and facial expressions as primary articulators. Additionally, it is a complex cognitive task that utilizes a variable number of body articulators. Through constructed action, we can express referents, their actions and manners, as well as time, space, and even verbal aspect.

Keywords: Constructed action; Sign language; Perspective

1. Introdução

A Ação Construída (AC) é um fenômeno da linguagem que vem sendo discutido na literatura desde 1970 (PUUPPONEN *et al.*, 2022). Jantunen (2017, p. 65, tradução nossa) menciona que “o estudo da AC ainda é pouco explorado nas línguas de sinais, embora o interesse por ela dentro da linguística funcional baseada em corpus tenha aumentado nos últimos anos”. Trata-se de uma demonstração (QUINTO-POZOS, 2007; BERNARDINO *et al.*, 2020), *performance* em que o sinalizante utiliza expressões com o corpo e expressões faciais para representar pessoas, animais e até coisas. Rogers (2012) menciona que se trata de um mecanismo centrado e controlado pelo signatário.

¹ Doutorando e Mestre em Linguística na UFMG.

Diferentemente da mímica, na AC não há deslocamento do corpo (SUPALLA, 2003), sendo definida pelo olhar e por marcadores não manuais. É o momento em que o emissor olha para dentro da cena. Alguns autores defendem que um dos elementos chave no uso da ação construída é o desvio do olhar do destinatário (LIDDELL, 2003; BOLGUERONI; VIOTTI, 2013; GARCIA *et al.*, 2018; BERNARDINO *et al.*, 2020; GARCIA; SALLANDRE, 2020). Embora haja o uso de gestos na AC, Padden (1990) a considera como uma construção linguística. De acordo com Bolgueroni e Viotti (2013) a AC seria um processo morfossintático. Os autores Stec, Huiskes e Redeker (2016) a definem como uma construção gestual ou gramatical.

Objetiva-se neste trabalho, (a) descrever o fenômeno da AC na Libras e (b) analisar sua função. Considera-se este estudo qualitativo e descritivo, no qual utilizou-se o *corpus* de Libras da Universidade Federal de Santa Catarina, que contém entrevistas/narrativas de surdos de referência, altamente proficientes. O *corpus* é gratuito e liberado para pesquisadores de língua de sinais. Nele há uma coleta de informações de várias pessoas sinalizando. Os sinalizantes possuem três diferentes faixas etárias: de 19 a 29, de 40 a 49 e mais de 50. Nesta pesquisa selecionou-se a parte de narrativas de vida de surdos de referência. Fez-se recortes de dois trechos de sinalizações das entrevistas, apontando os fenômenos. Os recortes/figuras foram capturados dos vídeos e inseridos na plataforma *Youtube* para que o leitor veja a sinalização por meio dos *links* disponíveis.

2. Estudos anteriores e atuais

Alguns autores utilizam diversas nomenclaturas para o significado de AC, conforme compilação abaixo.

Quadro 1.

Nomenclatura	Autor
Classificador de corpo	Supalla (1986)
Diálogo construído	Tannen (1989)
Falar construído	Boyes Braem (2001)
Transferência pessoal	Cuxac (1985, 2001), Garcia <i>et al.</i> (2018), Garcia e Sallandre (2020)
Sub-rogado	Liddell (1995, 2003), Bolgueroni e Viotti (2013), Anchieta (2017)
Ação Construída	Quinto-Pozos (2007), McCleary e Viotti (2011), Jantunen (2017), Bernardino <i>et al.</i> (2020), Puupponen <i>et al.</i> (2022).

Fonte: compilado dos autores.

Como se pode notar no quadro acima, ao longo do tempo, foram várias nomenclaturas utilizadas. Supalla (1986) considerou a AC como classificador de corpo. Sobretudo, a literatura aponta que os classificadores são configurações de mãos utilizadas para substituírem nomes ou descreverem o referente (BRITO, 1995; SANTOS, 2016). São itens linguísticos subespecificados que pertencem à morfossintaxe da língua de sinais.

O diálogo construído de Tannen (1989) está relacionado à língua oral. Ela cita dois tipos: a citação direta e a indireta. Quinto-Pozos (2007) aponta que o diálogo construído e a ação construída podem se diferir em alguns aspectos. Segundo ele, vagamente definido, o diálogo construído referindo-se à fala do outro, a AC sendo o relato de fala, por meio de demonstrações das ações do outro. Ele ainda cita Emmorey e Reilly (1998) ao explicar que crianças surdas, aos sete anos, dominam a mudança referencial, o diálogo construído, mas não a AC, por ser mais complexa.

O que Cuxac (1985, 2001) denominou como transferência de tamanho-forma e de situação, entende-se como classificadores; entretanto, a transferência pessoal como ação construída. Ao explanarem sobre transferências, Garcia e Sallandre (2020, p. 5, tradução nossa) consideram que,

Qualquer unidade de transferência construída a partir dessas estruturas, envolve simultaneamente todos os parâmetros, manuais e não manuais. Essas construções são verbais (isto é, linguísticas) justamente porque se baseiam em estruturas, ou seja, são compostas por elementos limitados que se enquadram em paradigmas. Outro ponto-chave ao qual voltaremos a seguir é que as estruturas de transferência compartilham uma característica formal, a quebra do olhar em direção ao destinatário (Garcia; Sallandre, 2020, p. 5).

Essas autoras adotam o termo transferências. Elas apontam que nessas estruturas utilizamos simultaneamente os parâmetros manuais e não manuais.

Determinados autores mencionam a mudança de papéis (*role-shift*) como sendo AC (STEINBACH, 2021; STEC, 2016; SCHLENKER, 2017; BOLGUERONI; VIOTTI, 2013, p. 23). Sobre a mudança de papéis, Liddell (2003, p. 315) trata desse fenômeno como sendo sub-rogado. Nesse espaço sub-rogado, o signatário pode tornar parcialmente parte do espaço, que pode ser mesclado, inclusive com o espaço *token*². Ele esclarece que Lentz (1986) descreveu que há graus de mudança de papéis. Quando o sinalizante mostra apenas os maneirismos faciais do personagem, isso representa uma mudança mínima, enquanto expressar o que uma pessoa disse, isso representa uma mudança máxima.

² *Token* é o espaço utilizado pelo sinalizante para expressar seus argumentos (objetos da sentença) de forma invisível (Liddell, 1995).

Almeida-Silva (2019) menciona que nem sempre vai haver mudança de tronco na troca de papéis (*role-shift*). Ele declara que a distinção entre espaço frontal e lateral se dá a partir da face, e não do tronco. Bernardino *et al.* (2020) corroboram isso ao explanarem que a AC pode ser marcada pelo olhar e rosto. Isso nos mostra que não há obrigatoriedade de movimento do tronco simultâneo. De acordo com Supalla (2003), na AC não há deslocamento do corpo, sendo definida pelo olhar e pelas expressões não manuais, quando o emissor olha para dentro da cena.

Alguns pesquisadores, como citado no quadro 1, utilizam o termo Ação Construída, que será adotado ao longo deste trabalho. Certos autores mencionam que essa significa:

- “representar as ações, declarações, pensamentos, sentimentos e/ou expressões de um referente” (CORMIER; SMITH; ZWETS, 2013, p. 119, tradução nossa).

- “descrever as ações e movimentos de um objeto” (QUINTO-POZOS, 2007, p. 1285, tradução nossa).

- “[q]ue o sinalizante “incorpora” o referente, assumindo sua postura, seus trejeitos e seu modo de agir” (BERNARDINO *et al.*, 2020, p. 3).

- “representação em que um sinalizante representa as ações, sentimentos, pensamentos e declarações de referentes de discurso com diferentes partes de seu corpo” (PUUPPONEN *et al.*, 2022, p. 16, tradução nossa).

Tendo em vista que declarações, expressões e movimentos do referente são ações; e o fato de modo estar relacionado a trejeitos, sensações, sentimentos, características e postura; compila-se o conceito de ação construída como: “demonstrar modo e/ou ações do referente”³.

3. A ação construída e os tipos textuais

Na língua oral, o discurso ou ação do outro pode ser marcado por traços prosódicos, movimentos da boca, dos olhos e outras partes do corpo. De acordo com Mohr (2014, p. 30, tradução nossa), que faz referência a Boyes Braem (2001),

“[a]s bocas foram pensadas para cumprir certas funções do discurso, como “falar construído”, que se refere à imitação da linguagem falada usada por pessoas ouvintes e chamar a atenção para uma determinada parte de uma narrativa” (MOHR, 2014, p. 30, tradução nossa).

³ Afunilamos esse conceito a fim de conduzir nossas discussões. De acordo com o dicionário priberam de língua portuguesa (DPLP), o termo modo significa: 1. maneira de ser ou de estar, 2. posição do corpo, 3. maneira de fazer, de dizer, de olhar etc., 4. estado, disposição, 5. forma, 6. jeito, 7. tom, voz; gesto e maneiras.

Falantes de línguas orais utilizam majoritariamente a boca para se comunicarem. Entretanto, eles também podem utilizar gestos simultâneos à fala, podem utilizar itens lexicais para demonstrarem que irão expressar uma citação direta, como pronomes, por exemplo.

Em relação à Libras, também utilizamos uma quantidade variável de articuladores não manuais para expressar a AC, tais como sobancelhas, pálpebras, boca etc. Em línguas sinalizadas, esses marcadores podem ser gestuais, bem como gramaticais. O signatário pode utilizar o olhar como evidência de que irá reportar uma fala ou ação do outro.

Estudos apresentam que a AC é predominante em tipos textuais narrativos sinalizados (BERNDARDINO *et al.*, 2020; GARCIA e SALLANDRE, 2020). Contudo, pode ser também utilizada em outros tipos textuais em Libras, como no argumentativo e injuntivo⁴. Garcia e Sallandre (2020) declaram que ações construídas ocorrem em 70% em textos narrativos e 30% em textos dissertativos e descritivos.

Muitas vezes, em texto de tipo injuntivo/instrucional, o sinalizante fala do “eu” para indicar o que “ele” (o público) deveria fazer. Garcia *et al.* (2018) exemplifica isso na língua de sinais francesa (LSF), da seguinte forma:

O palestrante, ao explicar uma receita culinária, mostra como misturar os ingredientes. Como uma transferência pessoal de um cozinheiro imaginário, ele coloca o olhar pontualmente, mas com muita clareza, em seu interlocutor, para lhe dizer “você me segue, você tem que fazer assim”. Esta interpelação do interlocutor envolve-o na forma como é necessário proceder. Porém, como no caso do pronome impessoal IX2 descrito acima, a mobilização do interlocutor pelo olhar não corresponde a uma referência pessoal. O trabalho prático prescritivo expressa um processo genérico, de âmbito universal (“é assim *que se faz* esta receita”) (GARCIA *et al.*, s.p., tradução nossa).

Durante a produção da mensagem em Libras, em textos narrativos, dissertativos e injuntivos o emissor pode tomar o lugar de primeira pessoa, para falar da segunda ou terceira. É como uma incorporação/substituição. Ele pode também tomar o papel de primeira ou terceira pessoa, fazendo a incorporação, entrando na cena. Esse fenômeno serve para marcar o discurso direto (BOLGUERONI; VIOTTI, 2013).

⁴ Os tipos textuais são: narrativo, argumentativo, expositivo, descritivo e injuntivo. Os gêneros são amplos. O texto religioso e a receita são gêneros relacionados ao tipo injuntivo (MARCUSCHI, 2001).

4. Os espaços e perspectivas na Libras

Na língua de sinais (LS) utilizamos o corpo em sua produção, na qual o sinalizante constantemente se coloca na posição de “substituto”, encenando eventos como se fossem o aqui e agora, dentro do espaço de projeção. Perniss (2007) reitera que, dessa forma, a fala se dá no plano sagital. Ela denomina-o de ponto de vista do personagem em que o sinalizante se coloca dentro do espaço do evento. Por causa da visuoespacialidade da LS, o sinalizante se coloca sempre “no lugar” de outras pessoas, bem como utiliza o espaço à sua frente para tratar de coisas presentes, assim como de coisas em outro tempo e em outro espaço.

De acordo com Lakoff (2002, p. 282) “Há muitas coisas que compreendemos diretamente a partir de nosso envolvimento físico direto como uma parte inseparável de nosso ambiente imediato”. Nessa direção, Liddell (2003, p. 141, tradução nossa) menciona que, “frequentemente concebemos as pessoas e coisas ao nosso redor como se fosse alguém ou alguma outra coisa”. Sobre isso, Araújo (2016, p. 130) observa que,

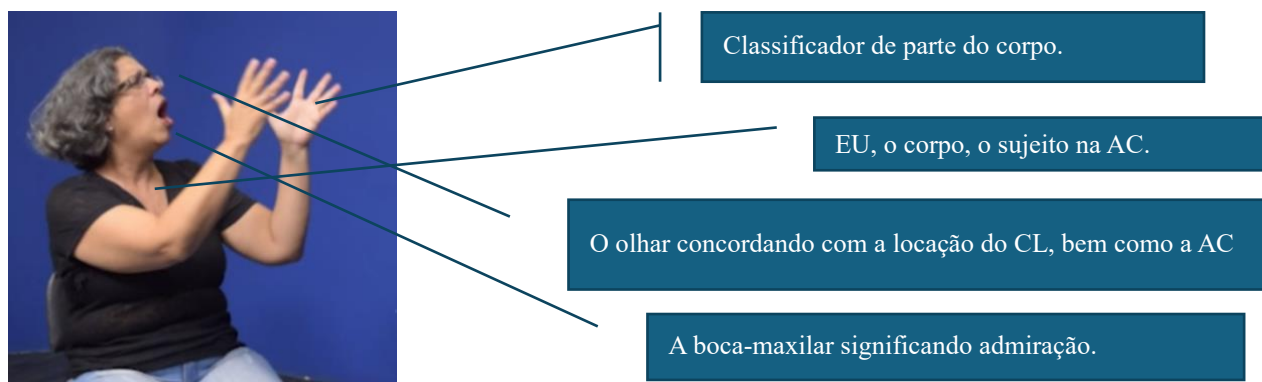
[n]o uso dos espaços algumas interações podem ocorrer dentre eles, tais como alternância, superposição e inserção que são essenciais na organização do discurso em língua de sinais, na retomada de um referente já utilizado na narrativa do surdo por meio de: apontação, giro do corpo ou na direção do olhar e ainda na mudança ou manutenção das pessoas do discurso (ARAÚJO, 2015, p. 130).

Na LS, usa-se constantemente a fala direta, que é realizada na perspectiva ampliada, do personagem (LIDDELL, 2000; PERNISS, 2007; LIMA JÚNIOR, 2023). Na leitura da sinalização, o receptor deve estar atento ao estabelecimento de pessoas em pontos no espaço do sinalizante, à co-localização dos itens lexicais, aos apontamentos, ao direcionamento do olhar. Além disso, deve observar os marcadores não manuais para compreender a mensagem. Liddell (2003) menciona que o sinal manual não faz parte da ação construída. Dessa forma, ela pode ocorrer sem ou com o sinal manual, pois o corpo pode ser particionado na produção linguística, transmitindo diferentes informações dos seus articuladores, simultaneamente, em camadas (Wilbur, 2003; DUDIS, 2004). Nesse sentido, as mãos podem fazer parte da AC, do referente/objeto representado ou estar realizando um sinal/classificador. Se, por exemplo, um sinalizador estiver demonstrando o andar de um animal; utilizando as mãos como se fossem as patas, nesse caso, as mãos estariam envolvidas na AC. Se o sinalizador estiver demonstrando uma pessoa sentindo dor e produzir o sinal de DOR⁵ (mão em F, palma com movimento de rotação alternada do

⁵ Para fins de simplificação, palavras com letras maiúsculas são traduções da Libras para o português (Brito, 1995).

punho), juntamente com a expressão facial/corporal, a mão que realiza o sinal (DOR) estaria particionada, não envolvida na AC. Assim, o falante tem a competência de produzir expressões não convencionais (icônicas) e convencionais (sinais lexicais) simultâneas (GARCIA; SALLANDRE, 2020). Para ilustrar, temos a seguinte sinalização:

Figura 1, AC com articuladores simultâneos.
Eu, admirada, vi-os sinalizando (Tradução nossa).



Fonte: Quadros *et al.* (2020)⁶.

Como se pode notar na figura acima, houve uma utilização de diversos articuladores simultaneamente em camadas, com diversas informações. Não ocorreu um direcionamento do tronco/ombros. Intui-se três motivos: o fato da sinalizante estar sentada, “economia” ou estilo de expressão. No entanto, há um direcionamento do olhar e face. Almeida-silva (2019) corrobora isso ao citar que, na marcação de pronomes pessoais, o movimento da face/cabeça pode ser para direita e esquerda, para cima e para baixo, a depender do discurso, excluindo a obrigatoriedade do movimento de rotação do tronco.

Como vimos, a AC pode ser marcada pelo olhar, direção da face e direção do tronco. Liddell (2003) informa que na AC, um signatário pode se tornar parte do espaço real, e sua mensagem se torna muito mais explícita do que o significado codificado pelas palavras e que o destinatário produz uma

⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EDAWysX69UY>

mensagem muito mais rica do que aquela fornecida apenas pelas palavras. O autor ainda cita Tannen (1989) ao mencionar

[o] diálogo construído como uma estratégia de envolvimento porque, primeiro, o diálogo construído tem imediatismo e a capacidade de retratar a ação e o diálogo como se estivessem ocorrendo no tempo de contar e, segundo o diálogo construído força o ouvinte a participar da construção de sentido. Ambas as características podem ser vistas como resultantes da conceituação de uma mistura de espaço real. Primeiro, a mistura resulta da combinação de elementos do espaço real com elementos de outro espaço. O espaço real é imediato, por definição. Assim, o imediatismo do diálogo construído decorre diretamente do fato de envolver uma mescla com o espaço real e outro espaço conceitual. Também parece retratar a ação e o diálogo como se estivessem ocorrendo no tempo contado porque dentro da mistura, está ocorrendo no tempo contado (LIDDELL, 2003, p. 173, tradução nossa).

No exemplo acima, a sinalizante está falando da época em que era estudante e teve contato com a língua de sinais com colegas na escola. Apesar de existir na Libras sinais manuais, tais como: OLHAR, ADMIRAR, ELES, ela trouxe o momento como se fosse o aqui e agora, para falar de algo passado, há bastante tempo. Assim, ela produziu simultaneamente vários significados, com articuladores manuais e não manuais, componencialmente. Liddell (2003) menciona que

Os sub-rogados podem existir virtualmente em qualquer lugar. Eles podem estar perto do signatário ou a uma grande distância. Eles podem estar acima, abaixo, ao lado ou mesmo atrás do signatário. As representações substitutas são espacialmente ilimitadas e fazem parte de uma cena conceitual aqui e agora distinta do espaço real (LIDDELL, 2003, p. 154, tradução nossa).

Sobre isso, Lakoff (2002, p. 82) afirma que “nós conceptualizamos nosso campo visual como um recipiente o que vemos como se estivesse dentro desse recipiente”. Ainda tratando da figura supramencionada, a sinalizante voltou no tempo como se estivesse dentro da escola na época em que estudou, porém, representando isso no momento da sinalização.

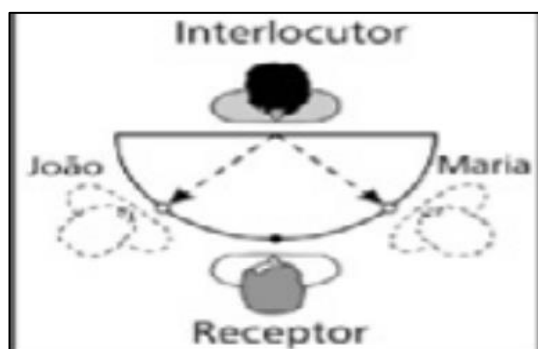
Em suma, na AC, há uma redução fonológica (BOLGUERONI; VIOTTI, 2013), uma riqueza na mensagem, a referência (BERNARDINO *et al.*, 2020) e, além disso, uma experiência direta (LIDDELL, 2003; LAKOFF, 2002) que é apresentada ao destinatário.

Garcia e Sallandre (2020, p. 4, tradução nossa) mencionam que AC “[n]ão é simplesmente uma cópia, mas uma reprodução seletiva da ação relatada pelo narrador”. Fazendo uma analogia à língua oral, pode-se citar o que uma pessoa falou (fala indireta), além disso, representar como essa pessoa falou (fala direta) (TANNEN, 1989). A AC seria equivalente à citação direta, pois, a partir do conceito de AC considerado, na citação indireta, o falante não demonstra trejeitos, posturas, nem expressões corporais do referente. No diálogo construído, Tannen (1989, p. 98) exemplifica essa citação indireta com a seguinte sentença: “*Sam said he would come*” (Sam disse que viria).

Na sinalização dessa sentença, o interlocutor não assumiria nenhum “modo” do referenciado. Nesta outra sentença citada por Tannen (1989, p. 89): “*Sam said: ‘I’ll come’*”./“Sam disse: ‘Eu virei’”. Trata-se de uma citação direta. Nesse sentido, o interlocutor assume modos sobre a forma como Sam disse. Percebemos nas sentenças escritas acima o uso de dois pontos e aspas. Na língua oral, a marcação da AC estaria em “como” (prosódia e expressões gestuais) a pessoa falou (TANNEN, 1989). Ao traduzirmos essas sentenças para a Libras, a citação indireta pode ser marcada por recursos como apontamento manual, olhar ao espaço, colocação do verbo, bem como por um sinal lexical (Ex.: SAM FALAR VIR ou SAM FALAR (PARA MIM) VIR). Na citação direta, vimos que o desvio do olhar do destinatário é peça chave para a AC. Vale esclarecer que o olhar pode assumir a função de apontar um referente ausente no espaço ou indicar o uso de uma AC, bem como expressar os dois fenômenos ao mesmo tempo (LIDDELL, 2003; LIMA JÚNIOR, 2024). Nesse sentido, nem todo desvio de olhar do destinatário poderá ser uma AC.

Ao expressar a AC, um interlocutor pode “se colocar no lugar” dos referentes. Ele pode falar, por exemplo, o que Maria disse a João, o que João disse a Maria, o que o interlocutor disse a João, bem como demonstrar o modo como cada um o fez.

Figura 2. Referentes e espaços na sinalização



Fonte: Quadros (1997, p. 52) adaptado de Lillo Martin e Klima (1990, p. 193).

Ao sinalizar, o emissor da mensagem precisa ter um controle preciso dessas referências (JOÃO, MARIA, INTERLOCUTOR, RECEPTOR), colocalizar os itens lexicais e ainda demonstrar as ações e/ou modos de cada um, tornando, assim, a ação construída complexa. Nesse sentido, Kurz, Mullaney e Occhino (2019, s.p.) declaram que

A tomada de perspectiva é uma tarefa cognitiva complexa que envolve a construção do ponto de vista do conceitualizador em relação ao objeto da concepção (seja um objeto

ou evento). A tomada de perspectiva em línguas de sinais requer a capacidade de mapear o espaço articulatório físico que envolve o sinalizador em várias estruturas referenciais que fazem parte das gramáticas da língua de sinais (KURZ; MULLANEY; OCCHINO, 2019, s.p.).

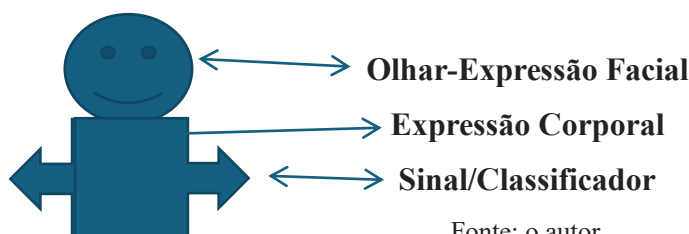
Isso pode indicar o fato de crianças até os 7/8 anos, bem como aprendizes de ASL, como L2, apresentarem inconsistências no uso da ação construída (EMMOREY ; REILLY, 1998; KURZ; MULLANEY; OCCHINO, 2019).

5. Elementos utilizados na AC na Libras

Reconhecemos que a AC é definida pelo olhar e expressões não manuais, podendo haver graus ou níveis/tipos de uso (LENTZ, 1986; QUINTO-POZOS, 2007; PUUPPONEN *et al.*, 2022). Nesse sentido, mais ou menos articuladores poderiam estar envolvidos em sua expressão. Cormier, Smith e Zwets (2013) propõem uma lista de articuladores, em camadas, na produção da ação construída na língua de sinais britânica (BSL) da seguinte forma: olhar, face, cabeça, tronco, braço e mão. Nesse raciocínio, ilustra-se da seguinte forma os elementos que podem ser utilizados na AC em língua brasileira de sinais:

Figura 3.

Articuladores utilizados na Libras/AC⁷



Fonte: o autor.

⁷ Na produção linguística, esses articuladores podem ser combinados simultaneamente e entrecruzados. A direção da face e dos ombros não são obrigatórios na AC. Quando se quer referenciar uma pessoa pensando em algo, pode-se utilizar um olhar para baixo, juntamente à expressão facial, sem a obrigatoriedade de direcionar a face. Os olhos fechados também podem marcar uma AC, quando o interlocutor utiliza um olhar interno, algo como “olhar para dentro de si mesmo”. Nas expressões faciais/corporais podem ocorrer o uso de diversos movimentos de cabeça, ombros e tronco (CORMIER et al, 2015; LIMA JÚNIOR, 2024).

A figura 3 denota que, para que haja uma ação construída, é necessária a interface de pelo menos dois elementos-chave: o olhar e a expressão facial (CORMIER *et al.*, 2015, citado por PUUPPONEN *et al.*, 2022). Mesmo

que o interlocutor utilize um desvio de olhar mais uma expressão facial “neutra”, essa expressão neutra indicaria um modo do referenciado. Isso faz sentido, visto que o foco do receptor da língua de sinais está no rosto do sinalizante, e a partir dessa região ele capta as informações dos demais articuladores (EMMOREY; THOMPSON; COLVIN, 2008). Outro elemento a ser mencionado no uso da AC é a direção da face. Apesar de não seja obrigatória para marcá-la, ela pode co-ocorrer. Assim, mais elementos podem ser utilizados, como a expressão corporal e, por fim, o sinal/classificador. Embora, na AC, todo corpo do sinalizante esteja envolvido dentro do espaço de projeção durante a produção da mensagem, os diversos articuladores podem estar produzindo informações por *layering* (camadas) (Wilbur, 2003). A expressão facial pode envolver diversos articuladores, como as pálpebras e boca, por exemplo. Isso vai ao encontro da teoria da componencialidade (DACHKOVSKY, 2008) em que dois ou mais articuladores são produzidos simultaneamente. Nessa direção, o foco do receptor da mensagem é a região dos olhos-face (EMMOREY; THOMPSON; COLVIN, 2008), em que ele percebe os articuladores da face, corpo e membros ao mesmo tempo.

O centro de percepção do receptor da mensagem em Libras é a região dos olhos-face. A visão humana, que abrange um raio de 180° (DE QUEIROZ *et al.*, 2015), permite a percepção de todos os articuladores se sobrepondo, tais como olhos, face, ombros, tronco, mãos e braços. Bahan (1996) informa que na língua de sinais americana, a maioria das informações linguísticas concentram-se na face do sinalizante. Isso também foi notado por Battison (1978) que analisou cerca de 606 sinais aleatórios na *ASL*, e percebeu que 75% deles eram realizados na região da face.

Algo que notamos neste estudo da AC foi que, além de marcarmos pessoas, espaços e tempo (MOREIRA, 2016), por meio do olhar, expressões faciais, movimentos de cabeça e corpo, pode-se denotar aspecto verbal. Algumas pesquisas anteriores mencionam esse fenômeno no movimento (fonologia) dos sinais (BRITO, 1995; KLIMA; BELLUGI, 1979; ZESHAN, 2000; MARONEY, 2004; PIRES, 2019). No exemplo abaixo, o sinalizador expressa que via as pessoas sinalizando, porém não entendia nada. Ele realiza um movimento de cabeça/corpo para a direita e esquerda indicando aspecto.

Figura 4, AC com movimento de cabeça/corpo.

Eu não estava entendendo nada (Tradução nossa).



Fonte: Quadros *et al.* (2020)⁸

O sinal de “NÃO ENTENDER”, nesse contexto, é um sinal ancorado no corpo, que não permite movimento. Sendo assim, ele realiza o movimento com a cabeça e corpo, incorporando o sujeito, como se voltasse no tempo. Ele trata do passado, mas demonstrando agora. Sinais não ancorados no corpo, que contêm movimento, ainda assim, pode co-ocorrerem com movimentos de cabeça/tronco/ombros. Os olhos, cabeça, tronco e ombros parecem substituir ou compensar o bloqueio de movimento das mãos. No exemplo que vimos, o sinal de “NÃO ENTENDER” é ancorado no corpo, bloqueando o movimento da mão. Assim, o movimento do corpo foi como um “complemento” para realizar o aspecto do verbal, isso porque a produção linguística da Libras não se restringe às mãos.

Certos autores, tais como Ferreira-Brito e Longevin (1995), Barbosa (2013), Pêgo (2013), Silva (2014) e Silva (2020) mencionam os ombros como partes articuladoras na Libras. Entretanto, eles não detalharam suas possíveis funções. A alguns deles citam o corpo e ombros como sinônimos. Dessa forma, mais estudos são necessários para reforçar isso, bem como para ampliar tal discussão, trazendo o movimento de cabeça, ombros (para frente, para os lados, para cima) e tronco.

6. Considerações finais

Vimos que a AC implica em demonstrar ações e/ou modo do referente. Os articuladores primários envolvidos são o olhar e face, podendo haver ou não direcionamento da face e de rotação dos ombros.

⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1uzKiu515p8>

O olhar pode ser direcionado ao espaço, mas não significar a produção da AC, pois o interlocutor pode olhar para expressar referentes ausentes.

O emissor pode utilizar o tempo presente, passado ou futuro ao incorporar o referente. Percebemos que a AC pode ocorrer também em textos dissertativos e injuntivos. Além disso, ela serve também para dar ênfase, mostrar e trazer para o aqui e agora algo sobre o referente. Nesse sentido, com ela há uma economia linguística ao produzir a língua. Nos exemplos que vimos, expressa-se a citação indireta por recursos como apontamento, olhar, colocação ou por item lexical. Na direta há o uso da AC (desvio de olhar do destinatário), olhar para dentro da cena.

Com base nas discussões, concordamos que se trata de uma construção linguística, de uma tarefa cognitiva complexa em que o sinalizante toma a perspectiva ampliada, fazendo com que o destinatário infira todo o corpo do emissor na demonstração do referente.

Foi lançada uma questão sobre a possibilidade de expressar aspecto verbal pelo uso de movimento de cabeça, ombros/tronco na AC. No entanto, são necessários mais estudos para ampliarmos essa discussão.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA-SILVA, A. **A (in)definitude no sintagma nominal em Libras: Uma investigação na interface sintaxe-semântica**. 2019. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/296908032.pdf>>. Acesso em: 6 mar. 2023.
- ANCHIETA, E. V. B. **Incorporação e partição do corpo: o espaço sub-rogado no discurso narrativo de uma tradução de literatura infantil do português para a Libras**. 2017. 192 f. Dissertação de mestrado - Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, UFSC, Florianópolis, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/183235>>. Acesso em: 08 abril 2021.
- ARAÚJO, M. N. de. **Os espaços na Libras**. 2016. Tese de doutorado - Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2016. 143 f. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/22915/1/2016_MagaliNicolaudeOliveiradeAra%c3%bajo.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2023.
- BAHAN, B. **Non-manual realization of agreement in American Sign Language**. Tese de doutorado (Filosofia), Boston University, 1996.
- BARBOSA, T. B. **Uma Descrição do Processo de Referenciação em Narrativas Contadas em Língua de Sinais Brasileira (Libras)**. 2013. 155 f. (Mestrado em Linguística), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-06052013-112529/publico/2013_ThaisBolgueroniBarbosa_VCorr.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2023.
- BATTISON, R. **Analyzing signs**. In: *Lexical borrowing in American Sign Language*. (2001). Silver Spring, MD: Linstok Press, 1978, p.19-58.

BERNARDINO, E. L. A. et al. Ação construída na libras conforme a linguística cognitiva. **Signótica**, 2020, v. 32. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/sig/article/view/62990/36478>>. Acesso em: 17 abril 2021.

BOLGUERONI, T.; VIOTTI, E. Referência Nominal em Língua Brasileira de Sinais (Libras). **Todas as Letras**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 15-50, 2013. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/5270/4108>>. Acesso em: 16 fev. 2023.

BOYES-BRAEM, P. 2001. **Functions of the mouthings in the signing of Deaf early and late learners of Swiss German Sign Language (DSGS)**. In: Boyes-Braem, Penny/Sutton-Spence, Rachel (eds.) *The Hands are the Head of the Mouth. The Mouth as Articulator in Sign Languages*. Hamburg: Signum, 99–131.

BRITO, F.; LONGEVIN, R. **Sistema Ferreira Brito-Langevin de Transcrição de Sinais**. In: FERREIRA-BRITO, L. *Por uma gramática de línguas de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

CORMIER, K; SMITH, S; ZWETS, M. Framing constructed action in British sign language narratives. **Journal of Pragmatics**, Volume 55, September 2013, Pages 119-139. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0378216613001409>. Acesso em: 13 out. 2024.

CORMIER, K; SMITH, S; SEVCIKOVA-SHEYR, Z. Rethinking constructed action. In.: **Sign Language and Linguistics**, 18 (2015), pp. 167-204 <https://www.jbe-platform.com/content/journals/10.1075/sll.18.2.01cor>. Acesso em: 13 out. 2024.

CUXAC, C. (1985). **Esquisse d'une typologie des langues des signes**, em *Autour de La Langue Des Signes*, ed. C. Cuxac, (Paris: Université René Descartes), 35–60.

CUXAC, C. **Les langues des signes: analyseurs de la faculté de langage**. In: *Acquisition et interaction en langue étrangère*, n. 15, 2001, dez. 2005. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/aile/536>>. Acesso em: 7 março 2021.

DACHKOVSKY, S. **Facial expression as intonation in Israeli Sign Language: the case of neutral and counterfactual conditionals**. In: Quer Josep., editor. *Signs of the time. Leading research in sign language*. Signum Press; Hamburg: 2008.

DE QUEIROZ, R. B. et al. **Analysis of the Influence of the Field of View on a Crowd Simulation Model Based on Synthetic Vision**. In: 2015 XVII Symposium on Virtual and Augmented Reality. IEEE, 2015. p. 84-91.

DUDIS, P. Body partitioning and real-space blends. **Cognitive Linguistics**, v.15, n. 2, p. 223-238, 28 abr. 2004. Disponível em: <https://www.degruyter.com/document/database/COGBIB/entry/cogbib.3367/html>. Acesso em: 09 março 2021.

EMMOREY, K., REILLY, J., 1998. **O desenvolvimento de citação e ação relatada: transmitindo perspectiva em ASL**. In: Clark, EV (Ed.), *Anais do Vigésimo Nono Fórum Anual de Pesquisa Infantil*, Centro para o Estudo da Linguagem e Informação, Stanford, CA, pp. 81–90.

EMMOREY, K.; THOMPSON, R.; COLVIN, R. Eye Gaze During Comprehension of American Sign Language by Native and Beginning Signers, **The Journal of Deaf Studies and Deaf Education**, Volume 14, Issue 2, Spring 2009, Pages 237–243, <https://doi.org/10.1093/deafed/enn037>. Disponível em: <https://academic.oup.com/jdsde/article/14/2/237/393400>. Acesso em: 13 out. 2024.

FERREIRA-BRITO, L. **Por uma gramática da língua de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

GARCIA, B. et al. La référence impersonnelle humaine en langue des signes française », *TIPA. Travaux interdisciplinaires sur la parole et le langage* [En ligne], 34 | 2018. Disponível em: <https://journals.openedition.org/tipa/2121#quotation>. Acesso em: 16 fev. 2023.

GARCIA, B; SALLANDRE, M. A. Contribution of the Semiological Approach to Deixis–Anaphora in Sign Language: **The Key Role of Eye-Gaze**. v. 11, 2020. Structures Formelles du Langage Laboratory, UMR 7023, Centre National de la Recherche Scientifique, University of Paris 8 – University Paris Lumières, Paris, France. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fpsyg.2020.583763/full>. Acesso em: 16 fev. 2023.

JANTUNEN, T. Constructed Action, the Clause and the Nature of Syntax in Finnish Sign Language. **Open Linguistics**. 2017; 3(1): 65-85. <https://doi.org/10.1515/opli-2017-0004>. Disponível em: <https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/opli-2017-0004/html>. Acesso em: 16 fev. 2023.

KLIMA, E.; BELLUGI, U. **The signs of language**. Cambridge: Harvard University Press. 1979.

KURZ, K.B.; MULLANEY, K.; OCCHINO, C. Constructed Action in American Sign Language: A Look at Second Language Learners in a Second Modality. **Languages**, 2019, n. 4, 90. <https://doi.org/10.3390/languages4040090>. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2226-471X/4/4/90>. Acesso em: 13 out. 2024.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana** [coord. de tradução Mara Sophia Zanotto]. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

LENTZ, E. M. 1986. **Teaching role-shifting**. In Carol Padden (ed.), *Proceedings of the Fourth National Symposium on Sign Language Research and Teaching*. Silver Spring, MD: National Association of the Deaf, 58–69.

LIDDELL, S. K. **Real, surrogate, and token space: grammatical consequences in ASL**. In.: EMMOREY, K.; REILLY, J. (Eds.). *Language, gesture and space*, Nova Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1995. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-%20151%20BR&lr=&id=xAKXpO7mCE0C&oi=fnd&pg=PA19&dq=Real,+surrogate,+and+token+space:+grammatical+consequences+in+ASL&ots=1lXDFPcs3U&sig=1sjFvna5RYvvC0dQNvbTk8fnnLk#v=onepage&q=Real%2C%20surrogate%2C%20and%20token%20space%3A%20grammatic%20al%20consequences%20in%20ASL&f=false>. Acesso em: 14 abril 2021.

LIDDELL, S. K. Blended spaces and deixis in sign language discourse. In: McNEILL, D. (Ed.). **Language and gesture**. Cambridge University Press, 2000. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/paper/Language-and-Gesture%3A-Blended-spaces-and-deixis-in-Liddell/e0866339d5a51786c6fbc4e0b6004c8eeba7d66a>. Acesso em: 16 fev. 2023.

LIDDELL, S. K. **Grammar, Gesture and Meaning in American Sign Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. doi:10.1017/CBO9780511615054. Disponível em: <<https://www.cambridge.org/core/books/grammar-gesture-and-meaning-in-american-sign-language/D0EDB5033897DE748C936F9AC271D2DF>>. Acesso em: 16 fev. 2023.

LILLO-MARTIN, D.; KLIMA, E. **Pointing out differences: ASL pronouns in syntactic theory**. In: FISCHER, S. D.; SIPLE, P. (Orgs.). *Theoretical Issues in Sign Language Research*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1990. p. 191-210

LIMA JÚNIOR, V. B. Variação, mudança e perspectiva no uso do léxico da Libras. **Revista Philologus**, v. 29, n. 85, p. 196-211, 2023. ISSN: 1413-6457. Disponível em: <https://www.revistaphilologus.org.br/index.php/rph/article/view/1419>. Acesso em: 19 jun. 2025.

LIMA JÚNIOR, V. B. **O uso do olhar na língua brasileira de sinais**. 2024. 83 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/70395/1/dissertacaoousodoolharnalibras.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2025.

MARONEY, E. **Aspect in American Sign Language**. Ph.D. Linguistics. University of New Mexico, 2004.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel & BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs). *Gêneros textuais & Ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, p. 19-36, 2001.

MCCLEARY, L.; VIOTTI, E. Língua e gesto em línguas sinalizadas. **Veredas**, Juiz de Fora, v. 1, p. 289-304, 2011.

MOHR, S. **Non-Manuals in Sign Languages – Theoretical Background**. In *Mouth Actions in Sign Languages: An Empirical Study of Irish Sign Language*, 1st ed., 31–63. De Gruyter, 2014. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/j.ctvbkjx0v.10#metadata_info_tab_contents>. Acesso em: 16 fev. 2023.

MOREIRA, R. L. **Um olhar da semiótica para os discursos em libras: descrição do tempo**. 2016. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, University of São Paulo, São Paulo, 2016. doi:10.11606/T.8.2017.tde-13022017-135649. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-13022017-135649/publico/2016_RenataLuciaMoreira_VOrig.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2023.

PÊGO, C. F. **Sinais não-manuais gramaticais da LSB nos traços morfológicos e lexicais: um estudo do morfema-boca**. 2013. 88f. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/13303/1/2013_CarolinaFerreiraPego.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2023.

PERNISS, P. M. Achieving spatial coherence in German Sign Language narratives: The use of classifiers and perspective. **Lingua** 117 (2007), p. 1315–1338. Disponível em:

<http://www.pernipa.eu/papers/Perniss07_spatial_coherence.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2023.

PIRES, G. S. de A. **Aspectualidade em Libras: telicidade e duratividade**. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Estudos da Linguagem) do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Instituto de Letras, UFF, Niterói, 2019. 77 f. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/11649>. Acesso em: 30 março 2021.

PUUPPONEN, A. et al. Variation in the use of constructed action according to discourse type and age in Finnish Sign Language. **Language & Communication**, Volume 83, 2022, Pages 16-35, ISSN 0271-5309, <https://doi.org/10.1016/j.langcom.2021.11.006>. Disponível em:

<<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0271530921000847>>. Acesso em: 16 fev. 2023.

QUADROS, R. M. de et al. **Corpus de Libras**, 2020. Disponível em: <<http://corpuslibras.ufsc.br/>>. Acesso em: 16 fev. 2023.

QUADROS, R. M. de. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre. Artes Médicas. 1997.

QUINTO-POZOS, D. Can constructed action be considered obligatory? Science Direct, **Lingua**, 117, 1285- 1314, 2007. Disponível em:

<<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0024384106000258>>. Acesso em: 16 fev. 2023.

ROGERS, K. L. **American sign language verb categories within constructed action**. Tese (Doutorado em Filosofia). Universidade do Texas em Arlington, Estados Unidos, 2012. 224 f. Disponível em: https://mavmatrix.uta.edu/linguistics_tesol_dissertations/76/. Acesso em: 26 fev. 2026

SANTOS, J. da S. **Há classificadores verbais em Libras?** Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem e Cultura Regional), Universidade Federal de Roraima, Programa de Pósgraduação em Letras, Boa Vista, 2016. 187 f. Disponível em: <http://repositorio.ufrr.br:8080/jspui/handle/prefix/280>. Acesso em: 29 ago. 2023.

SCHLENKER, P. Super monsters I: Attitude and Action Role Shift in sign language. **Semantics and Pragmatics**, 10(9), 2017. <http://dx.doi.org/10.3765/sp.10.9>. Disponível em:

<<https://semprag.org/index.php/sp/article/view/sp.10.9>>. Acesso em: 16 fev. 2023.

SILVA, J. P. da. **Demonstrações em uma narrativa sinalizada em Libras**. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. 137 f. Disponível em:

<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-07052015-170319/publico/2014_JoaoPauloDaSilva_VCorr.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2023.

SILVA, L. Expressões manuais e não manuais da Libras sob o olhar de pesquisadores da UFPR. **Revista da ABRALIN**, [S. l.], v. 19, n. 2, p. 1–7, 2020. DOI: 10.25189/rabralin.v19i2.1629. ISSN: 0102-7158.

Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1629>. Acesso em: 29 ago. 2023.

STEC, K; HUISKES, M; REDEKER, G. Multimodal quotation: Role shift practices in spoken narratives. **Journal of pragmatics**, v. 104, outubro, 1-17, 2016. Disponível em:

<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0378216616303538>. Acesso em: 24 agosto 2023.

SUPALLA, Ted. **The classifier system in American Sign Language**. In: CRAIG, Colette. (Ed.) *Typological studies in language: noun classes and categorization*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamin Publishing Company, 1986. Volume 7. p. 181-214.

SUPALLA, T. **Revisiting visual analogy in ASL classifier predicates**. In: Emmorey, K. (Ed.), *Perspectives on Classifier Constructions in Sign Languages*, Mahwah, NJ, pp. 249–257. 2003.

TANNEN, D. **TalkingVoices: Repetition, Dialogue, and Imagery in Conversational Discourse**. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

ZESHAN, U. **Sing language in Indo-Pakistan: a description of a signed language**. Philadelphia: John Benjamins Publishing, 2000.